

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)  
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

## PRIMEIRA VERSÃO

ANO II, Nº113 - SETEMBRO - PORTO VELHO, 2003  
VOLUME VIII

ISSN 1517-5421

EDITOR  
**NILSON SANTOS**

### CONSELHO EDITORIAL

**ALBERTO LINS CALDAS** - História - UFRO  
**CLODOMIR S. DE MORAIS** - Sociologia - IATTERMUND  
**ARTUR MORETTI** - Física - UFRO  
**CELSO FERRAREZI** - Letras - UFRO  
**HEINZ DIETER HEIDEMANN** - Geografia - USP  
**JOSÉ C. SEBE BOM MEIHY** - História - USP  
**MARIO COZZUOL** - Biologia - UFRO  
**MIGUEL NENEVÉ** - Letras - UFRO  
**SILVIO A. S. GAMBOA** - Educação - UNICAMP  
**VALDEMIR MIOTELLO** - Filosofia - UFSC

Os textos de até 5 laudas, tamanho de folha A4, fonte Times  
New Roman 11, espaço 1.5, formatados em "Word for Windows"  
deverão ser encaminhados para e-mail:

nilson@unir.br

CAIXA POSTAL 775  
CEP: 78.900-970  
PORTO VELHO-RO

TIRAGEM 200 EXEMPLARES

EDITORA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

# PRIMEIRA VERSÃO

ISSN 1517-5421

*lathé biosa*

**113**



**RONDÔNIA: VESTIDA PARA TIRAR FOTOS**

**NILZA MENEZES  
& CÉLIO LINO**



**Nilza Menezes e Célia Lino**

Coordenadora do Centro de Documentação do TJ-RO / Jornalista Pós-graduada em Moda

cendoc@tj.ro.gov.br / célia.menezes@ig.com.br

## **RONDÔNIA: VESTIDA PARA TIRAR FOTOS**

O vestir é a reprodução da condição social e da visão de mundo. O vestir reproduz o que somos ou que gostaríamos de ser. Através das vestes expressamos as nossas posturas sociais, culturais e os momentos históricos. Cada povo ao seu tempo vestiu-se das suas realidades e dos seus sonhos. Conforme observa Erica Palomino: *"...a moda tem muito mais a ver com a vida real do que as pessoas pensam"* (Palomino, 2000).

Muitas vezes, o mundo não se dá conta dessa historicidade da moda ou, também muitas vezes, não percebe que a moda termina por completar o quadro histórico das sociedades (Palomino, 2000) As vestimentas apresentam os momentos históricos vividos por cada comunidade, cada povo. Através das roupas, vamos percebendo as suas relações e transformações. As fotos e gravuras são as fontes principais para observarmos essas imagens que são inseridas no roteiro histórico.

Rondônia apresenta ao longe uma imagem desnuda. Essa imagem é construída pelos relatos dos viajantes, pelos cartões postais exibindo nativos em pêlo. Ainda há quem pense que índios andem nus pelas ruas atirando fechas. Imagem construída pelas fotos de Rondon distribuindo roupas aos nativos. Desse vestir-se para tirar fotos desnudamos as imagens regionais.

Geograficamente o que antes era um pedaço do Amazonas e uma grande porção de terras do Mato Grosso passou a ser o Território do Guaporé (1947), após Território Federal de Rondônia (1956) onde hoje conhecemos por Estado de Rondônia, criado em 1982.

A historia do lugar pode ser dividida em três tempos, dos três períodos três fortes figuras fardadas Mal. Cândido Rondon, Cel. Aluísio Ferreira e Cel. Jorge Teixeira fazem parte da galeria dos que representam os momentos de rupturas políticas e culturais da região. Em Rondônia, uniforme escolar é também chamado farda, resquícios dos seus momentos históricos marcados pelo comando de militares ainda não apagados.

A cidade de Porto Velho, feita com as locomotivas e estrangeiros surgiu do ponto de partida da Ferrovia Madeira Mamoré construída no começo do século XX (Hardmann, 1988) e falamos dela sempre a partir do ponto de onde parte a sua locomotiva. Como se antes fosse o caos, partimos sempre no trem da Madeira Mamoré para contarmos a história da região.

Antes era só a selva e não Rondônia. No entanto a maneira de vestir-se e de adornar-se dos habitantes da floresta e beira de rios ficou registrada por muitos viajantes. Os enfeites coloridos feitos de penas com dentes de animais, peles, com todas as suas tendências foram mostrados por Alexandre Rodrigues Ferreira em seu relatório de viagem realizado no século XVII e deixaram de existir para a história a partir do apito da locomotiva.

Ao embarcarmos no trem, no momento da sua partida inicial, vamos nos encontrar com diversos povos. As fotografias da época mostram distintas formas de vestimentas de acordo com o país de origem dos trabalhadores.

O Museu do Estado guarda exemplares de sapatos e sacos para viagem, produzidos nos seringais a partir da goma elástica e que eram usados pelos trabalhadores dentro da floresta, objetos ainda encontrados nas comunidades que vivem nos seringais.

Têm-se também desses tempos referências de Euclides da Cunha e de Manuel Carneiro da Cunha dos procedimentos efetuados pelo Marechal Cândido Rondon providenciando calções, camisas e cintos para os povos indígenas durante a instalação da linha telegráfica.

Antes da locomotiva da modernidade, registros documentais mostram-nos que mulheres judias já se encontravam com seus maridos comerciantes em pequenos povoados como Presidente Marques, Generoso Ponce e, em número mais acentuado, em Santo Antônio do Rio Madeira. Os judeus, assim como mais tarde os árabes, estabeleceram na região uma rede comercial que, partindo de Belém para Manaus cobria a região da hinterlândia.

As listas de mercadorias dos comerciantes do começo do século XX na região trazem junto com o bacalhau, vinho do porto e chumbo, as sedas, brins, chitas, fitas e pó de arroz. Todo o comércio era feito por esses estrangeiros o que foi mantido até os anos 80, conforme recorda Labibe Aiech: *"Tínhamos as lojas, aqui tinha muito estrangeiros e as lojas foram se estendendo. Tudo chegava de navio"* (Aiech: 2001)

Do ponto de partida do trem, as primeiras mulheres a chamarem a atenção pela maneira de vestir-se e que encontramos registradas em fotografia são as Barbadianas, negras caribenhas que chegaram em Porto Velho por volta de 1912.

Nas fotos oficiais da ferrovia são apresentadas como enfermeiras e lavadeiras. Elas foram observadas e comentadas pelo uso do chapéu, hábito britânico que trouxeram para a floresta e que preservaram, sendo assim registradas e lembradas.

Em sua visita à Porto Velho e Guajará-Mirim em 1929, Mario de Andrade não deixou de observar essas mulheres: *Mulher do povo e de chapéu, já sabe, é barbadiana.* (Andrade,1983) .

Eduardo Barros Prado registrou-as como verdadeiras belezas de ébano. Pinto Pessoa, em Selva Selvagem, também notou essas mulheres e assim as descreveu: *As mulheres tem um hábito interessante de conversar sempre mettido na cabeça um chapéu. Vemol-as em ruidosos grupos pelas ruas às horas de descanso, engolando um mão inglez, exhibindo chapéus de todos os feitios. Muitas levam tão longe tal habito que se conservam de chapéu, em casa, ao serviço* (Apud: Lopes, 1995).

Com a modernidade na selva, marcada pela construção da Estrada de Ferro e pela afluência de trabalhadores e efervescência econômica da borracha, mesmo ao calor de 38 graus, as damas da sociedade exibiram chapéus e casacos ao longo das primeiras décadas do século XX.

Vestir-se na selva com algo de Londres foi imperativo. Gilberto Freyre, em sua obra "Modos de homem & Modas de mulher", esbraveja contra esse costume, *"não só extravagante para o Brasil, como terrivelmente anti-higiênico, antiecológico e antitropical"* Freyre,1987).

As mulheres que viveram esse período como a Sr<sup>a</sup> Labibe Aiech, descendente de libaneses e que chegou em Porto Velho no ano de 1912, hoje com 92 anos, conta que as roupas para as festas do Clube Internacional onde freqüentava a alta sociedade portovelhense eram feitas por costureiras. Com a

peculiaridade dos antigos, o saudosismo fala dos famosos “soiarées” que eram as noitadas onde as mulheres costumavam comparecer vestidas todas da mesma cor. Antes das festas, elas escolhiam a cor que seria a roupa. Por exemplo, se a cor era verde, todas iam de verde, podendo variar a tonalidade e os modelos dos vestidos.

Observamos que os primeiros comerciantes a trazerem o fascínio dos fetiches femininos para os rios Madeira, Mamoré e Guaporé foram os árabes com seus regatões que, a partir do Porto de Belém, passando por Manaus, escorriam por estradas líquidas e junto com o sal, o açúcar e os enlatados levavam os leques, rendas, perfumes e água de colônia. Os anúncios de jornais da época apresentam as mercadorias oferecidas à sociedade de Porto Velho, sendo que a maior parte das lojas pertencentes a árabes tinha um toque francês no nome da loja.

As mulheres que presenciaram ou que ouviram de suas mães e avós sobre o período falam de barcos ao longo dos rios trazendo um quase “shopping” ambulante: móveis, alimentos, roupas, objetos de necessidade e de fetiche para o consumo dos que produziam a borracha. Mesmo após a queda, durante as décadas de 20 a 60, em ritmo menor, a vida ao longo dos rios e nas duas únicas cidades (Porto Velho e Guajará-Mirim) manteve-se guardando as tradições e uma espécie de saudosismo, esperança de retorno. Muita gente ainda insistiu no sonho.

A artista plástica Rita Queiroz, filha de seringalista, vivendo nas margens do Rio Madeira durante as décadas de 40, 50 e 60, fala desses barcos como sendo o grande sonho de consumo dos moradores das beiras dos rios no período. Lembra ainda que seu pai, originário do Estado de Alagoas, quando viajava para o Nordeste trazia algumas roupas diferentes para a família, mas que a grande maioria dos trabalhadores usava roupas feitas de tecido de algodão e morim colorido comprados dos mascates.

Através dos procedimentos de arrolamento ou inventário, entre os pertences das mulheres que morriam na região encontramos quase sempre uma máquina de costura. Pelo que se observa esse objeto de trabalho foi muito utilizado. Mulheres solitárias que viviam nas vilas ao longo da ferrovia, salvo outras informações, poderiam pela característica dos pertences e da condição social ser classificadas como se observa dos documentos judiciais da época de mulheres de vida fácil ou mundana. Elas tinham entre seus bens algumas jóias, cortes de tecidos, fitas, espelhos, perfumes, leques, e materiais de costura, além da máquina de costurar, é claro.

O clube internacional que abrigava a alta sociedade assim ficou registrado: *... o salão elegante de seu clube Internacional, repleto de almofadinhas e melindrosas, cheio de senhoras e cavalheiros distintos, que se agitam coreograficamente ao som do on-step, do fox trot, dos lanceiros, e onde se vê o inglês de Londres e a francesa de paris...* (Moraes, 1969, p. 175).

Conforme observa Labibe Aiech, hoje as coisas tornaram-se mais fáceis. *A moda no meu tempo era um bocado difícil. Hoje você encontra tudo. Só falta dinheiro, o resto você encontra, mas naquela época tudo era preciso fazer. Era tudo com costureira* (Aiech:2001).

O olhar de Miguel Roumiê sobre os hábitos culturais da região e sobre o comportamento na década de 70, período causador de grandes mudanças, está ligado a um costume da época de que as pessoas que viviam nas cidades de Porto Velho e Guajará-Mirim viajavam muito para a cidade do Rio de Janeiro. Esse

costume se deu em face de que, sendo um Território Federal, se encontrava fortemente ligada à capital brasileira, no caso o Rio de Janeiro. Esse costume foi mantido ainda após a transferência do centro político para Brasília. As pessoas de alguma posse da região tinham o hábito de viajar para o Rio de onde traziam as novidades: *Embora não tivéssemos televisão, tínhamos o rádio. Já chegavam as revistas e outras coisas mais e o pessoal viajava muito. Era o "must" daqui o pessoal viajar para o Rio de Janeiro passar as férias no Rio. Hoje se viaja muito para o Nordeste, antes era para o Rio de Janeiro. Belém do Pará como no meu caso. Apesar de ter isso já a outros lugares, mas era a situação que se vivia naquele momento. Quem viajava para o Rio voltava de lá influenciado. Em moda, em costumes, em mentalidade, em tudo (Roumiê: 1999).*

Hoje, em tempos de globalização, tudo está em todos os lugares ao mesmo tempo. No entanto, as regiões possuem suas características trazidas e adaptadas.

Assim como os viajantes observaram as barbadianas e seus chapéus no começo do século, ainda é comum observarmos uma sulista comentando sobre hábitos das mulheres das camadas populares, chamadas de rondonienses, como por exemplo, o costume de lavar roupa nos igarapés ou mesmo nos tanques nas áreas de serviço de suas casas apenas de roupas íntimas. Esse hábito proporcionado pelo clima quente em que o corpo pede pouca roupa, é aproveitado também para um bronzeamento que o clima regional proporciona durante todo o ano. De modo geral, as nossas mulheres, principalmente das classes populares, usam pouca roupa e exibem um bom bronzeado durante todo o ano.

Em Rondônia, a moda produzida resume-se ainda a uma grande utilização de costureiras e a existências de malharias para produção de uniformes escolares e camisetas. O grosso da demanda das lojas vem dos grandes centros como São Paulo, Rio de Janeiro e Goiânia.

Tudo compõe as características da população múltipla que vive no Estado. Apesar de todas as variações e gostos, as vitrines exibem e as mulheres desfilam botas e roupas pretas feitas para o consumo do sul do país, obedecendo a um imperativo da moda. Práticas observadas por Gilberto Freyre em "Modos de Homem & Modas de mulher" (Freyre, 1997) são comentadas por Erica Palomino: *Assim, traziam-se da França vestidos de todos os tipos (das roupas de festa às do dia-a-dia), sapatos, meias, espartilhos e roupas íntimas, perfumes, maquiagem (rouge), acessórios e luvas. Na Belle Époque, uma brasileira que saísse sem luvas não seria considerada "bem vestida". A sombrinha completava o conjunto. As cores eram escuras: pretos, pardos e cinzentos – como era moda em Paris. Levando em conta o calor do Brasil, dá para imaginar o tormento pelo qual passavam as mulheres da época, mas ainda assim era possível ver aberrações como, por exemplo, capas de pele em pleno verão carioca (Palomino, 2000).*

Essas características, observadas no Brasil com relação à Europa durante o século XIX e parte do século XX, (Freyre, 1987), fizeram parte da vida das pessoas que consumiam o que vinha para o Rio de Janeiro e outras capitais e se reproduzem ainda hoje em Rondônia. Tais atitudes são impostas pelos meios de comunicação e pela falta de indústrias de moda nessa região onde o calor é mais acentuado. As tendências são impostas e aceitas. A moda ditada pelo sul do país para o inverno é usada por muitas mulheres do norte, impondo seus corpos ao sacrifício das botas e roupas escuras. Ainda hoje a demanda comercial é atendida pelos grandes centros.

Considerando as distintas classes sociais, hoje se compra tanto nas lojas populares pelas principais ruas do comércio como nas feiras populares e no expressivo número de hippies e camelôs. Lojas de franquia alcançam o consumidor antenado com a moda divulgada pela televisão e revistas, além das lojas chiques ou exóticas que trabalham com clientela específica, e a exemplo do que ocorreu no início do século XX, com a moda trazida do Rio de Janeiro e outras capitais brasileiras.

A moda é como Barthes coloca, “uma ordem da qual se faz uma desordem”. Aqui no norte, não se pode deixar de entrever as marcas regionais que se vão sendo colocadas no que se reproduz: em olhar diferente, um corte que se faz no modo de usar. Em tudo acabam transparecendo as particularidades do resultado dessa grande mistura cultural.

Para Françoise Vicente-Ricard, “a moda parece feita de rupturas sucessivas, no entanto, por sua evolução fundamental, revela-se a nossos olhos como expressão de múltiplas representações do mundo em diferentes níveis de intensidade”. Aqui, de uma primeira fase de nativos, caboclos, estrangeiros, depois nordestinos e sulistas, formou-se todo esse caldeirão multicultural que ajuda a contar a história de um povo.

**Fontes Primárias:** Foram utilizadas partes de entrevistas com Labibe Aiech, Rita Queiroz e Miguel Roumiê que estão arquivadas e fazem parte do Acervo de Histórica Oral do Centro de Documentação Histórica do TJRO.

### **Bibliografia**

- ANDRADE, Mario de. O Turista Aprendiz. Duas Cidades. São Paulo. 1983.  
BENCHIMOL, Samuel. Amazônia-Formação Social e Cultural. Valer. Manaus. 2000.  
BARTHES, Roland. O Sistema da Moda. Ed. Nacional/Ed. da Universidade de São Paulo. São Paulo. 1979.  
CUNHA, Manoel Carneiro. História dos Índios no Brasil. Companhia das Letras. São Paulo. 1998.  
CUNHA, Euclides da. A Margem da História. Martins Fontes. São Paulo. 1999.  
FREIRY, Gilberto. Modos de Homem Modas de Mulher. Record. Rio de Janeiro. 1987.  
KÖHLER, Carl. História do Vestuário. Martins Fontes. 2001.  
HARDMANN, Francisco Foot. O Trem Fantasma. Companhia das Letras. São Paulo. 1988.  
LOPES, Evandro da Rocha. Súditos e Cassacos: os trabalhadores da Estrada de Ferro Madeira Mamoré. (1907-1931) Mimeo. Porto Velho. 1995.  
MAIA, Álvaro. Gente dos Seringais. Rio de Janeiro. 1956.  
MORAES, Raimundo. Na Planície Amazônica. Itatiaia. Belo Horizonte. 1987.  
PALOMINO, Erica. A Moda. Folha. São Paulo. 2000.  
VICENTE-RICARD, Françoise. As Espirais da Moda. Paz e Terra. Rio de Janeiro. 1989.

## VITRINE

**DIVULGUE:**

PRIMEIRA VERSÃO  
NA INTERNET

**<http://www.unir.br/~primeira/index.html>**

Consulte o site e leia os artigos publicados

*há uma tora  
travando  
minha voz  
há uma foz  
torando  
minha trava  
há uma treva  
fingindo  
minha voz  
há um travo  
tirando  
minha língua  
há uma trova  
sugando  
minha mágoa  
há um rio  
remando  
me à mingua*

CARLOS MOREIRA